

SOBRE HOMENS E SEUS AMORES: AFETOS ÍNTIMOS NA IGNOTA PARCERIA HOMOERÓTICA

Fabio Gustavo Romero Simeão; Juliana Andréa Cirino; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba, fabiogustavor@gmail.com

Resumo: Desde tempos longínquos, operam-se interdições ao desejo homossexual, fundamentadas em dogmas religiosos ou, como se pode observar, a partir do século XIX, proclamadas por instituições médicas que visam reduzi-la a uma conduta patológica ou desvio de caráter. O sujeito homossexual fora, assim, colocado às margens da sociedade e, em decorrência dessa herança, ainda carrega estigmas suscetíveis de deturpar-lhe a identidade. Muitas vezes, essas marcas são tão violentas que sufocam o desejo, dilaceram a subjetividade, silenciando o amor que, nas palavras do escritor Oscar Wilde, *não ousa dizer seu nome*. O trajeto constitui, amiúde, uma defesa frente à hostilidade mortífera do preconceito e da intolerância, tão prementes na atualidade. Eis o drama presente em *Um Estranho em Mim*, romance escrito pelo paraibano Marcos Lacerda e publicado em 2008. Na narrativa, Eduardo, bem-sucedido médico de meia idade, trava uma batalha contra sua própria natureza, procurando sempre esconder de todos – e de si mesmo – os avatares de sua sexualidade. Fracassa primeiro, num casamento convenientemente heterossexual e, depois, volta-se para o trabalho, num refúgio quase monástico. Contudo, ao conhecer o jovem Alexandre, o protagonista é, mais uma vez, confrontado, com o estranho que o habita. Nossa pesquisa, numa conexão entre as teorizações sócio-históricas de Naphy (2006), Salles & Ceccarelli (2010), e os estudos psicanalíticos de base (pós)freudiana, pretende analisar, na obra em foco, os conflitos que marcam a infausta travessia homoerótica do personagem principal, de modo a compreender os matizes de uma relação onde as diferenças, por vezes, tornam-se inaceitáveis e desacreditadas.

Palavras-chave: Literatura, homoerotismo, discurso.

Introdução

Desde tempos longínquos, a homossexualidade, tanto a feminina quanto a masculina¹, sofre com discursos e práticas que visam censurá-la. No decorrer da história, esses discursos assumem diferentes expressões, porém, sem nunca perder sua natureza inquisitória – e seus efeitos nocivos. É contra esses discursos que surge a literatura homoerótica, configurando-se como espaço de resistência e de contestação às normas que regem nossa sociedade ainda pautada pela heteronormatividade – normas estas que sufocam e violentam tudo aquilo que seja *diferente*.

Um Estranho em Mim (2008), romance de estreia do paraibano Marcos Lacerda, narra a história de Eduardo, um médico bem-sucedido de meia idade, que tem dificuldades em se aceitar

¹ Por motivos de extensão e da natureza do corpus que visamos analisar nesta discussão, limitamo-nos a tratar apenas da homossexualidade masculina.

enquanto homossexual. Por muitos anos, ele confronta sua própria natureza, a fim de se “encaixar” nos moldes que a sociedade lhe impõe. É sobre estas dificuldades, estas batalhas contra os fantasmas que o habitam, que propomos tratar neste trabalho. Para isso, recorreremos à psicanálise de base (pós)freudiana, com a pretensão de elucidar os impasses que emergem na infausta viagem homoerótica do personagem.

Dividimos, assim, nosso trabalho em três partes: primeiro, procuramos retratar a maneira como a sexualidade fora concebida no decorrer da história, compreendendo um momento anterior e um posterior ao advento do cristianismo. Em seguida, como fora mencionado acima, apresentamos algumas considerações psicanalíticas sobre a angústia e o estranhamento, fazendo ligações com a forma em que o protagonista se coloca diante da sua homossexualidade. Por fim, analisamos diferentes momentos na narrativa em foco, com vistas a ilustrar as várias situações que Eduardo arquiteta para silenciar suas ânsias. Pretendemos, assim, proporcionar uma reflexão que demonstre a maneira na qual os discursos sociais dominantes – que estabelecem os parâmetros entre o normal e o patológico – ainda impelem a homossexualidade a ocupar espaços periféricos, sempre à margem da sociedade.

1 – Notas históricas sobre a homossexualidade

A concepção que as sociedades (Egito, Grécia, Roma, do Vale do Indo e China, etc.) anteriores ao advento do cristianismo construíram sobre a sexualidade – e conseqüentemente, da homossexualidade – diferem profundamente das construções atuais. Nessas sociedades politeístas, os deuses e seres divinos, muitas vezes, praticavam atos homossexuais entre si. No panteão grego, podemos apontar os casos de Zeus e Ganimedes, ou, Poseidon com Pélope. Já, na mitologia egípcia, lembramos de Set, que tentou violentar seu irmão, Hórus. Na teogonia hindu, além de atos homossexuais, encontramos relatos de deuses que mudavam de sexo a seu bel prazer, como quando Krishna assume uma forma feminina – Mohini – e mantém relações sexuais com o guerreiro Aravan. Se compreendermos estas histórias, como ecos dos valores e ideais dos povos que as criaram, as mesmas ajudam-nos a compreender melhor as múltiplas faces que a sexualidade assumira nestas sociedades.

Nesse primeiro momento (anterior ao cristianismo), a concepção que se tinha da sexualidade era de que serviria tanto para a obtenção de prazer, quanto para a procriação. A preocupação não girava em torno do gênero dos amantes – como na atualidade –, mas, de quem *fazia o quê a quem*

(NAPHY, 2006). Tal era o caso que, na Grécia clássica, a pederastia² era quase uma instituição por si própria, inerente ao estilo de vida grego. E, na Roma antiga, homens livres podiam relacionar-se tanto com mulheres quanto com homens – fossem eles escravos ou prostitutas – sempre que eles fizessem o papel de ativo. Conforme apontado por Naphy: “Os Romanos encaravam o sexo como essencialmente um ato de penetração. O prazer e a procriação eram ambas razões igualmente aceites para a atividade sexual, mas, basicamente, um ‘homem’ penetrava alguém ou alguma coisa” (2006, p. 62, grifo do autor).

O papel do homem, alhures, era o de penetrador. Colocar-se na posição de penetrado era inadmissível, acarretaria grande desonra e até retaliações das mais violentas. Numa relação homossexual, a desonra cairia somente no parceiro penetrado, uma vez que, ao permitir que outro homem o possuísse, estaria admitindo a sua inferioridade. Esta visão do sexo como um ato de penetração – sempre por parte do homem – não era exclusiva dos gregos e seus vizinhos romanos, mas, de uma maneira geral, e com poucas distinções, apresentava-se nas mais variadas sociedades pré-cristãs – ocidentais e orientais.

Com a ascensão do cristianismo e das religiões monoteístas – judaísmo e islã – a partir do séc. III e IV d.C., o mundo antigo e suas concepções sobre a sexualidade sofreram mudanças radicais. Para estas religiões, o sexo não poderia ser uma atividade de simples prazer, como Salles & Ceccarelli destacam:

[...] a ideia de ‘natureza humana’ passa a ser identificada à vontade divina, tornando-se um paradigma de reflexão moral: tudo que é natural é bom e apraza a Deus. Surge, assim, a ideia de ‘coito natural’ que deu origem ao discurso que separa as práticas sexuais em ‘normais’, identificadas à procriação, e ‘anormais’, que diziam respeito às práticas infecundas. (2010, p. 17 - 18).

A partir de então, o sexo – e tudo relacionado a ele – deveria servir a um único e divino propósito: a reprodução da espécie. Dessa maneira, quaisquer atividades que não resultassem em procriação – como a felação, coito anal, masturbação – foram considerados crimes *contra natura*, severamente proibidas e perseguidas. A importância atribuída ao gênero dos indivíduos, numa relação, era decorrente desta ideia “para procriar” que o sexo assumiu. A única possibilidade admitida era a de um homem e uma mulher e, qualquer variação era excepcionalmente castigada. O casamento entre homem e mulher se configuraria como único espaço admitido para o sexo,

² Consistia em um homem adulto (erastes) de status social elevado e um jovem adolescente (eromenos) socialmente menos favorecido. Esta relação era altamente idealizada e tinha primordialmente um caráter educativo, porém, como Naphy (2006) ressalta, o fator sexual não era excluído.

lembrando que este deveria servir sempre à reprodução. Esta construção da sexualidade transbordaria os muros da Igreja e dos monastérios para firmar-se no pensamento culto e popular daquela época e perduraria até os dias de hoje. Na atualidade, nossa relação com tudo que é sexual, continua imbuída destes mesmos valores judaico-cristãos.

2 – Esse obscuro objeto do desejo

Nossa sociedade, em consonância com os preceitos judaico-cristãos que a atravessam, interdita o desejo homossexual por considerá-lo desviante. Ainda hoje encaramos a homossexualidade como algo ignominioso, que deveria permanecer encoberto pelo véu da vergonha. Dessa maneira, desde que se assume como tal, o sujeito homossexual é rechaçado e posto às margens da sua comunidade – familiar, laboral, social. Nas palavras de Ceccarelli:

O discurso social, que constrói as referências simbólicas do masculino e do feminino e dita os parâmetros que definem a ‘sexualidade normal’, contribui [...] para que o sujeito homossexual [...] se sinta ‘desviante’, posto que excluído do discurso dominante. Os homossexuais nascem em uma sociedade cuja organização simbólica cedo lhes ensina que sua forma de viver a sexualidade é errada. (2008, p. 89, grifo do autor)

O homossexual encontra-se, muitas vezes, num impasse. Ou assume seu desejo, e é condenado um transgressor lascivo, ou, por outro lado, decide abdicar da sua identidade, negar-se, apagar-se. Se optar pelo segundo caminho, estará sempre em colisão com seu próprio desejo, sempre travando uma batalha – que está fadada ao fracasso – com a sua própria natureza.

Esse desejo reprimido, sempre voltará, sempre reclamará o seu espaço, causando uma angústia dilacerante no indivíduo. Chamamos de angústia àquilo que não conseguimos nomear, tudo aquilo que nos incomoda, mas, não conseguimos elucidar o porquê. Leite (2011, p. 53), parafraseando Lacan, coloca que “[...] a angústia é da ordem da aproximação, quando aquilo que deveria ficar afastado dos olhos, que não deveria ter vindo à luz, emerge.” Defrontar-nos com aquilo que queríamos esquecer, com aquilo que deveria permanecer no escuro é, por vezes, muito angustiante.

É sobre essa angústia, ligada a um sentimento de estranheza, sem motivo aparente, que o pai da psicanálise dedicou o seu artigo *O Inquietante* (1919/2010). Para Freud, essa incerteza diz de

uma repressão: “[...] pois esse *unheimlich*³ não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela.” (2010, p. 269). Freud propõe que encontraríamos, no núcleo de tudo aquilo que nos inquieta, alguma coisa que fora rechaçada, pela dor dilacerante que causava. Dessa maneira, aquilo que nos é estranho, na verdade, diz de algo familiar, porém, lancinante ao mesmo tempo. Este algo estaria voltando – na forma de angústia – para reclamar uma significação.

É assim que alguns sujeitos encaram a sua homossexualidade. Confrontados com a violência e o preconceito – tão prementes no nosso tempo – não conseguem lidar com a sua sexualidade, que claramente vá em desacordo com as convenções de nossa sociedade regida por um falso moralismo e hipocrisia. Ao tentarem negá-la, esquecê-la, ela sempre voltará para reclamar o seu espaço, e essa volta, certamente, causará agonia e sofrimento.

3 – Estranhamente familiar: vivências homoeróticas na Literatura

No romance *Um Estranho em Mim*, do paraibano Marcos Lacerda, deparamo-nos com a história de Eduardo, que chega a nós através de uma série de cartas que o mesmo escrevera para seu meio-irmão Guilherme. Nestas cartas, Eduardo faz um relato da sua vida, a fim de apresentar-se para Guilherme, posto que nunca se conheceram pessoalmente. Recorrente na narrativa, e objeto de análise nesta discussão, é o conflito de Eduardo com a sua sexualidade. Ele é homossexual, porém, não consegue aceitar-se e, em diferentes momentos da sua vida, arquiteta situações a fim de entorpecer seu desejo homossexual, que, no entanto, sempre ressurgiu reclamando seu espaço e – como procuramos elucidar anteriormente – causando muita dor e angústia.

Primeiro, o protagonista se encontra numa relação com Virgínia, uma mulher que conheceu, na sua juventude e com quem casou pouco depois da faculdade. Sempre que se refere ao tempo em que fora casado, Eduardo expressa sentimentos de proteção, de refúgio, como podemos observar no seguinte trecho:

O tempo em que ficamos juntos foi um período em que me sentia *seguro*. Ao lado dela, sabia que os fantasmas que me assombravam eram impotentes [...]. Acho que nunca conseguirei dizer de fato o que Virgínia representou para mim. Talvez, mais que amor, meu sentimento por ela fosse de *gratidão*. (LACERDA, 2008, p. 17, grifo nosso).

³ O termo *unheimlich* que em alemão quer dizer ‘estranho’ foi utilizado por Freud para definir o sentimento de estranhamento advindo de uma ideia que fora recalçada e que, em certas condições, vem à tona desencadeando uma angústia avassaladora no sujeito.

Evidencia-se o caráter protetor do seu casamento, convenientemente heterossexual. Este casamento servia a Eduardo como uma espécie de armadura contra a angústia dilacerante que seus desejos lhe causavam. Porém, essa armadura não era impenetrável e, mesmo casado com uma mulher, havia momentos em que o desejo homossexual – e a angústia atrelada a ele – vem às escâncaras, reclamando o seu lugar vetado:

Olhei-a detidamente: estava particularmente bonita naquela manhã. Por entre o decote da camisola, seus seios pareciam me desafiar. Aquela visão me excitava, ao mesmo tempo que provocava uma *onda de ansiedade*. Essa ansiedade não era novidade, mas eu *me recusava a compreendê-la*; preferia fugir dela, assim como também fugia de me envolver verdadeiramente com Virgínia ou com qualquer outra mulher. (LACERDA, 2008, p. 18, grifo nosso).

Podemos ver que Eduardo está sempre fugindo de si mesmo e, por conseguinte, fugindo de relacionar-se verdadeiramente com qualquer outra pessoa. Ele se recusava a elaborar seus sentimentos, preferia reprimi-los, esquecer-los e, assim, ele vivia com um verdadeiro *estranho* dentro dele. Ao mesmo tempo em que seu casamento o protegia da injúria e do desprezo de uma sociedade extremamente hostil para com a homossexualidade, cada vez que olhasse para Virgínia, ele era convocado a uma luta interior contra os fantasmas que o assombravam.

Quando Virgínia faleceu, Eduardo, que sempre fugira do seu desejo, perdeu a sua couraça e, mais uma vez, foi jogado no abismo de ânsias interdidas que o habitavam, desesperadas por absolvição. Sentia-se dividido entre seu luto e o medo paralisante que sentia de si mesmo. Num certo dia, desorientado com a tristeza que o oprimia, pegou um ônibus até a sua cidade natal. Ali, vagando pelas ruas da sua infância e relembrando as dores do passado, esbarrou em um rapaz de uns vinte e poucos anos, chamado Adriano, que sorria para ele com um ar de malícia. Seria a primeira vez, na sua vida, que se permitiria relacionar-se com outro homem. Os dois foram juntos a um bar e embriagaram-se. Uma coisa levava a outra e, finalmente, terminaram juntos num hotel barato, no centro da cidade. Eduardo descreve o que sentiu ao encarar o corpo nu de Adriano:

Sentia como se durante todos os anos de minha vida eu tivesse fugido daquele momento; mas ele sempre estivera ali, a me cercar, espreitando-me e esperando o minuto exato do ataque, e agora eu não era nada além de uma *presa fácil nas mãos de um predador interno e feroz* que, após me perseguir exaustivamente, finalmente me acuava, arremessando-me contra as muralhas de meu desejo. (LACERDA, 2008, p. 20, grifo nosso)

Aqui, novamente, os desejos homossexuais de Eduardo emergem, mas, desta vez, ele se permite senti-los. O conflito do personagem é claro; ele se sente como uma “presa fácil”, diante do seu desejo que assume a forma de predador. Ante a nudez de Adriano, Eduardo, que sempre assumira uma posição de controlador – do seu desejo, de si mesmo, e dos outros – fica paralisado, incapaz de se mover, é o rapaz que assume o controle da situação, leva-o até a cama e penetra-o. No momento em que Adriano goza, Eduardo desmaia. Ele só acorda no dia seguinte e descobre que Adriano roubou sua carteira, levando todo o seu dinheiro.

Essa experiência negativa modificou Eduardo; ele tornou-se uma pessoa amarga, raivosa e arrogante. Mais uma vez, foge dos seus problemas, doravante, por intermédio do seu trabalho. Enchia sua agenda com pacientes, a fim de esquecer daquele estranho que o habitava e que – por causa do episódio com Adriano – estava cada dia mais forte. Não tinha uma vida social, seu círculo de amigos se resumia à Solange, secretária que trabalhava no seu consultório, e à Beatriz, uma psicóloga muito extrovertida que conhecia desde jovem. Afora essas duas mulheres, Eduardo não conversava com mais ninguém.

Aos poucos, foi se permitindo viver uma sexualidade, porém, muito restrita e censurada. No seguinte trecho, Eduardo comenta sobre os momentos em que os muros que erguera ao seu redor desabavam, e ele cedia aos seus mais recônditos desejos, relacionando-se com outros homens:

Meus amores se resumiam a encontros com *anônimos rapazes, em becos escuros de cidades vizinhas*, onde eventualmente ia a passeio ou a trabalho. *Deitar-me com desconhecidos era o mais próximo que eu conseguia chegar de alguém*. Depois, fugia deles e das lembranças que pudessem deixar. (LACERDA, 2008, p. 46, grifo nosso).

Mesmo mantendo relações sexuais com outros homens, Eduardo nesse momento não conseguia se relacionar verdadeiramente com ninguém. Ele só se envolvia com estes em cidades vizinhas, em becos escuros, e depois fugia, esquecendo e reprimindo suas vontades, como sempre o fizera. Atestamos que o desejo homossexual está, ainda que aos poucos, assumindo o seu lugar, lugar este que lhe fora vetado por muito tempo. À sua maneira, Eduardo estava vivendo as dimensões da sua sexualidade que, naquele momento, via-se capaz de comportar, posto que, ainda estava preso às amarras sociais. O caminho que Eduardo encontrou para libertar-se das correntes da repressão e, permitir-se uma identidade sexual, foi um relacionamento com um jovem rapaz chamado Alexandre. Através dessa relação, Eduardo conseguiu entender que o amor podia, de fato, ser vivido e também escoar as angústias que estiveram atreladas ao seu desejo por tantos anos.

Considerações finais

Neste trabalho, apoiando-nos em teorizações de caráter sócio-histórico e em algumas contribuições psicanalíticas de base (pós)freudiana, procuramos debater sobre a dificuldade em assumir-se homossexual na atualidade. Primeiro, relatamos, brevemente, as representações da sexualidade nas sociedades – ocidental e oriental – antes e depois da alvorada do cristianismo e das demais religiões monoteístas. Seguidamente, expomos uma concisa explicação psicanalítica da angústia e do estranhamento que a homossexualidade poderia causar quando reprimida. Finalmente, debruçamo-nos na história de Eduardo, personagem principal da narrativa analisada, a fim de encontrar no texto literário representações de uma homossexualidade interdita.

Não faltaram entraves e contratempos na viagem de Eduardo até a aceitação. Como procuramos demonstrar, assumir-se homossexual ainda é de uma dificuldade ímproba. Essas dificuldades desafiaram as fronteiras e limites de Eduardo e, por muito tempo, a única forma que ele conseguiu lidar com elas foi através da negação e do apagamento. Mas, como é característico do desejo, ele sempre retornará – buscando uma via de manifestação que, inevitavelmente será sempre falha – convocando o sujeito, inúmeras vezes, a defrontar-se com suas querelas psíquicas mais íntimas.

Referências

- CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. In: **Bagoas**. Natal, n. 02, p. 71 - 93, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.
- FREUD, Sigmund. O Inquietante. In: **Obras Completas – Volume 14**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- LACERDA, Marcos. **Um Estranho em Mim**. São Paulo: GLS, 2008.
- LEITE, Sonia. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- NAPHY, William. **Born to Be Gay: História da Homossexualidade**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- SACEANU, Patrícia. **O estranho e seus destinos**. 2001. 124 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa. CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da sexualidade. In: **Reverso**. Belo Horizonte, n. 60, p. 15 - 24, set. 2010.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica**: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.